

As pinturas do tecto em caixotões do coro-alto da antiga igreja de S. Salvador de Ramalde: investigar para intervir

Rita Rodrigues | José Ferrão Afonso

Resumo

A nave da Igreja Paroquial de S. Salvador de Ramalde é revestida por um tecto de quarenta e cinco pinturas em caixotões que representam um ciclo historiado, executado por uma companhia artística.

No geral, o tecto encontrava-se num estado de conservação considerado instável, com inúmeras patologias na estrutura de sustentação, nas pinturas e nas molduras. Antes da urgente intervenção de conservação e restauro foi importante centrar a investigação em fontes documentais e na história da arquitectura do edifício. Efectuou-se, igualmente, um estudo científico preliminar em dez caixotões correspondentes ao coro-alto, através do recurso a exames e análises, com o objectivo de conhecer os materiais e as técnicas utilizadas, para melhor adequar os métodos de conservação.

Palavras-chave:

tecto em caixotões, fontes históricas, pintura, conservação, técnicas e materiais.

Las pinturas del coro alto de la iglesia antigua de de S. Salvador de Ramalde: investigar para intervenir

Resumen

La nave de la iglesia parroquial de San Salvador Ramalde está cubierta por un techo de cuarenta y cinco pinturas en casetones historiados que representan un ciclo, realizado por una compañía artística.

En general, el techo se encontraba en un estado de conservación inestable, con muchas patologías relacionadas con la estructura de soporte, las pinturas y los enmarcamientos. Antes de la intervención urgente fue necesario centrar la investigación en fuentes documentales de la historia y la arquitectura del edificio. También se realizó un estudio preliminar científico de diez pinturas que corresponden a casetones del coro, a través del uso de exámenes y análisis, con el fin de conocer los materiales y técnicas utilizadas para mejorar los métodos de conservación directos.

Palabras clave:

casetones, fuentes históricas, pinturas, conservación, técnicas y materiales.

The paintings on the coffered ceilings choir of the old St. Salvador Ramalde's church: investigate to intervene

Abstract

The St. Salvador of Ramalde Church's nave has a coffered ceiling with forty-five paintings representing a cycle of pictures, executed by an artistic company. Overall, the ceiling was in a state of preservation considered unstable, with many pathologies not only in the structure, but also in the paintings and in the frames. Before the urgent intervention of conservation and restoration an important effort was made to focus the research in documentary sources and also in the history and architecture of the building. It was also performed a preliminary scientific study on ten coffered paintings in the choir area, using tests and analysis, in order to identify the materials and techniques used, to better apply the conservation methods.

Keywords:

coffered ceilings, historical sources, paintings, conservation, techniques and materials.

Introdução

A nave da Igreja Paroquial de S. Salvador de Ramalde¹ é revestida por um tecto de quarenta e cinco caixotões compostos por pinturas com temas historiados. É provável que tenha sido executado no início do séc. XVIII, por uma companhia artística.

As pinturas revelam inspiração vetero-testamentária com forte conteúdo latrêutico e ilustrativo. A leitura do ciclo historiado faz-se da esquerda para a direita, sendo a primeira pintura dedicada ao tema da Anunciação². As primeiras filas de pinturas constituem um programa iconográfico³ baseado na vida de Jesus e da Virgem. A partir da terceira fila verificamos que a temática se modifica, sendo as pinturas seguintes provavelmente inspiradas na vida de José do Egipto, filho de Jacob. Já as pinturas correspondentes à zona do coro-alto sugerem uma temática relativa a algumas passagens da vida de Moisés.

Foi realizada a conservação e restauro⁴ de dez pinturas que integram o coro-alto da Igreja baseada numa rigorosa avaliação do estado de conservação e no estudo técnico e material

¹ É importante referir que a capela-mor era também revestida por um tecto em caixotões de estilo simples pintado a branco e com alguns registos das molduras a dourado. Em Portugal é mais comum a existência de tectos em caixotões nas naves das Igrejas, contudo, podem também revestir capelas-mores e sacristias.

² A pintura *Anunciação* é a primeira pintura do canto esquerdo da nave. Note-se que está colocada do lado do Evangelho.

³ A interpretação iconográfica das pinturas contou com o contributo do Professor Doutor Vítor Teixeira, a quem se agradece a colaboração. As pinturas da nave ainda não foram intervencionadas, dificultando a leitura e correcta interpretação das formas, da paleta cromática e da composição em geral.

⁴ Os trabalhos de conservação e restauro foram executados por um grupo de alunos estagiários de licenciatura e de mestrado (alunos: A. Marco, A. Garcia, A. Mendanha, A. Queirós, A. Maldonado, E. Gomes, J. Guerreiro, J. Palmeirão, I. Tavares, M. Távora, N. Ablanado, P. Lopes, P. Monteiro, Pe. Robson, R. Benevides, S. Mendes, T. Hernandez) da Escola das Artes da Univ. Católica do Porto orientados por Doutora Eduarda Vieira e Rita

As pinturas do tecto em caixotões do coro-alto da antiga igreja de S. Salvador de Ramalde: investigar para intervir

Rita Rodrigues | José Ferrão Afonso

que se apoiou sobretudo em informações obtidas através de exames e análises com vista a uma correcta planificação da intervenção. Foram realizados antes, durante e após a intervenção registos fotográficos e de vídeo, como também, o recurso a exames e análises: observação de luz visível; luz rasante; luz ultravioleta; luz infravermelha; EDXRF - Energia dispersiva de fluorescência de raios X; recolha de amostras estratigráficas.

O diagnóstico aprofundado do estado de conservação foi imprescindível para a avaliação e quantificação de patologias. A caracterização das técnicas e dos materiais, tanto das pinturas, como das estruturas de sustentação do tecto, permitiu conhecer os mesmos, sendo possível a eleição dos tratamentos de conservação e restauro mais adequados. (Fig.1)

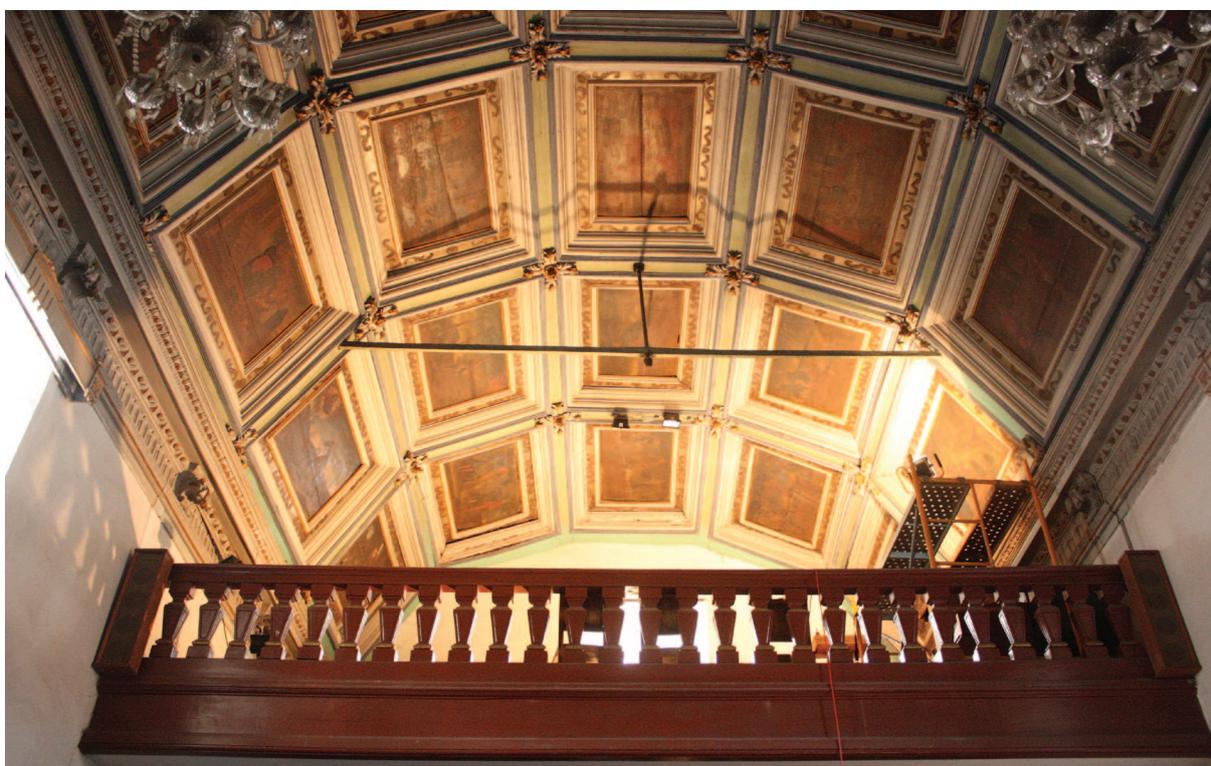


Fig. 1 – Fotografia das dez pinturas da zona do coro-alto que foram alvo da intervenção de conservação e restauro.

A Igreja e sua história

O topónimo Ramalde escrevia-se em 1138, *Ravaldi* (*Sancti Martini Salvatoris de Ravaldi*, 1222-1231; *Sancti Salvatoris de Ravaldi*, 1228); em 1227, *Ramualdi* (*Eclesia Ramualdi*), em 1258 *Ranhaldi e Ramaldi*, e deve provir de um nome de homem de origem germânica – Ramualdo⁵. Em 1378 surge já estabilizado como *Ramalde* (*Sam Salvador de Ramalde*

Rodrigues. O contexto de trabalho surgiu através de uma acção solidária da Universidade Católica Portuguesa do Porto, projecto da Porto Cidade Solidária sob a coordenação da Doutora Eduarda Vieira.

⁵ Cf. MOREIRA, Padre Domingos A. Freguesias da diocese do Porto. Elementos onomásticos alti-medievais. II Parte (fascículo R-V) (Conclusão), pp. 7-117. *Boletim Cultural da Câmara Municipal do Porto*, 2ª Série, vol. 7-8,

As pinturas do tecto em caixotões do coro-alto da antiga igreja de S. Salvador de Ramalde: investigar para intervir

Rita Rodrigues | José Ferrão Afonso

do *Bispado do Porto*). O povoamento da freguesia deve ter ocorrido no século X, ligado ao mosteiro Beneditino de S. Salvador de Bouças; pertencerá, até aos finais do século XIX, a Bouças: primeiro ao julgado, depois ao concelho.

A igreja da freguesia era de padroado real. Em 1196, D. Sancho doou-a a sua filha D. Mafalda. Por morte desta, em 1290, regressou à Coroa e em 1420 D. João I doou-a ao recém-fundado convento de Santa Clara do Porto (1416)⁶. Meio século depois, em 21 de Outubro de 1468, D. Afonso V confirmaria essa doação⁷; em 7 de Fevereiro de 1522, sendo bispo do Porto D. Pedro da Costa, a igreja é de novo confirmada ao convento das Clarissas⁸.

Nas Inquirições de 1258, as respostas aos quesitos são fornecidas pelo prelado da igreja, D. Miguel. A freguesia compunha-se então de vários lugares: Francos, Seixo, Requesende, Ramuhaldi Jusão, Ramualdhi Susão (Ramalde de Baixo e Ramalde do Meio). Seixo tinha sido fundada pelos homens de Paranhos e pelo bispo do Porto, que aí tinham criado de novo *villam bonum*. Pela Inquirição confirma-se igualmente a importância, para o povoamento e economia da freguesia, das vias que a limitavam e percorriam. A mais importante delas, proveniente do Porto e orientando-se para o Ave, era, segundo Cunha e Freitas, a designada *Via Veteris*. Por essa razão, na Inquirição afirma-se que os moradores que tivessem bestas eram obrigados a «fazer a estrada» aos senhores locais, ou seja fornecer-lhes serviços de transporte várias vezes por ano⁹.

No tombo de Santa Clara de 1543, menciona-se essa estrada e outras que percorriam e limitavam a freguesia. São ainda referidos topónimos como a Cruz do Pireiro, o padrão das Sete Fontes, o monte pequeno de São Gens, que fazia fronteira com o couto de Leça, as Fontainhas, a Cruz Maior na estrada Lordelo-Matosinhos, a Pedra da Ribeira, a Serra Alva, a pedra dos Agrões. Refere-se ainda a existência de mamoas e «marmoreaes»¹⁰.

A actual igreja, que sucedeu ao anterior templo medieval, data na sua maior parte de uma campanha de obras que deve ter ocorrido nos finais do século XVII e início do seguinte. Quer a porta principal, com ornamentação *rollwerk* sobre o frontão curvo interrompido, idêntica, por exemplo, à que surge em situação análoga nas igrejas portuenses dos Congregados e do mosteiro de S. Bento da Vitória, bem como a porta travessa norte apontam para essa cronologia. Ela é reforçada pela assinatura, em 1704, do contrato para a execução do retábulo-mor, tribuna, resplendor e banquetas pelos mestres entalhadores João da Costa e Manuel Rodrigues¹¹. No documento são ainda mencionados os escultores Manuel da Costa

1989/1990; FREITAS, Eugénio Andrea da Cunha e. *Toponímia Portuense*. Matosinhos: Contemporânea Editora, Lda, 1999, p. 179.

⁶ QUARESMA, Maria Clementina de Carvalho. *Inventário Artístico de Portugal*. Cidade do Porto. Lisboa: A.N.B.A., 1995, p.101.

⁷ Arquivo Distrital do Porto, K/21/7/1-cx 627. *Tombo de Santa Clara*, ano de 1611, fl.46.

⁸ *Idem*, fl. 46v^o.

⁹ FREITAS, *op. cit.*, p. 179.

¹⁰ K/20/2-27, Convento de Santa Clara. *Tombo dos antigos bens e propriedades de raiz (...) sitas no Bispado do Porto*, fls. 118 v^o-120.

¹¹ BRANDÃO, D. Domingos de Pinho. *Obra de Talha Dourada, Ensamblagem e Pintura na Cidade e na Diocese do Porto*. Porto, 1985, vol. II, pp. 234-237.

e Courinho, este último, provavelmente uma alcunha para o bracarense Francisco de Campos¹². Da mesma época deverá ser ainda o cruzeiro, hoje implantado no cemitério, com ornamentação «flamenguista» na peanha e no fuste, inspirada nas gravuras ornamentais quinhentistas do holandês Vredeman de Vries (1527-c.1607).



Fig 2. Carta militar do Porto do início do século XIX, mostrando Ramalde e as várias estradas que limitavam e percorriam a freguesia (A.H.C.M.P., D-CDT-B4-104 FD).

Ainda na igreja, é possível que os retábulos colaterais e o frontispício do cruzeiro tenham sido contratados, pouco antes de 1738, a Manuel da Costa Andrade¹³. Em 1758, quando do inquérito paroquial, S. Salvador era venerado, no altar-mor, na imagem de Cristo Ressuscitado. A igreja tinha mais quatro altares: o colateral do lado da Epístola era da Senhora do Rosário, do lado do Evangelho o de Cristo Crucificado. Os outros dois altares, no corpo da igreja, eram, do lado do Evangelho Nossa Senhora da Conceição e do lado da Epístola Santa Ana¹⁴.

No dia 28 de Março de 1809, em que o exército francês de Soult entrou na cidade, houve um combate na freguesia que causou a morte a cento e quarenta paroquianos. Nessa altura,

¹² QUARESMA, op. cit., p. 101.

¹³ BRANDÃO, op. cit., vol. III, p. 370.

¹⁴ Memórias Paroquiais, *Tombo Inquérito Paroquial: Porto*, pp. 828-830.

As pinturas do tecto em caixotões do coro-alto da antiga igreja de S. Salvador de Ramalde: investigar para intervir

Rita Rodrigues | José Ferrão Afonso

foi queimada a vizinha quinta de Ramalde e os paramentos e alfaias foram roubados pelos franceses. Mais tarde, quando do Cerco do Porto, desapareceram do arquivo paroquial os Livros de Visitações e outra documentação importante¹⁵. É, por essa razão, difícil reconstituir com exactidão as diversas fases de construção do templo. Assim, alguns elementos do entablamento de remate da fachada, bem como os pináculos da torre sugerem uma intervenção dos meados do século XVIII ou posterior; é também possível que a actual sacristia, adossada à parede sul da capela-mor, tenha sido reconstruída após o incêndio provocado pelos franceses, já que a morfologia dos vãos se adapta bem a esse período.

Já no século XX, em 1921, a capela-mor foi intervencionada, tendo sido pintado e o seu retábulo dourado. Durante essa campanha foi pintado para esse retábulo, um painel, representando o "Santíssimo Sacramento", por António José da Costa¹⁶. Na fachada foi também aberto um janelão neogótico sobre a porta principal e alterada a cornija da empena sobre ele, adaptando-a à sua forma em arco apontado; no cemitério próximo, uma série de jazigos, com datações a partir dos finais do século XIX, obedecem ao mesmo estilo, o que nos poderá fornecer uma indicação para a cronologia dessa intervenção.



Fig. 3 – Antiga Igreja de S. Salvador de Ramalde.

¹⁵ QUARESMA, op. cit., p. 101.

¹⁶ Idem, *Ibid.*

Características técnicas e materiais do tecto em caixotões

Estruturas de sustentação

Os caixotões estão dispostos numa estrutura complexa. No panorama português podemos observar vários tipos de perfil de tectos, que dependem essencialmente de factores como o formato do respectivo tecto e o desenho arquitectónico do edifício, podendo ser divididos em quatro tipologias¹⁷ distintas: tecto em abóbada de berço abatida; tecto em abóbada de berço; tecto em três terços e tecto em forma plana. Podemos classificar o tecto da Igreja de Ramalde dentro segunda tipologia, tecto em abóbada de berço. (Fig.4)

Os caixotões deste tecto estão dispostos em filas facetadas de 5 caixotões (comprimento) por 9 (largura), formando ao todo um conjunto de quarenta e cinco pinturas.



Fig. 4 – Perspectiva da tipologia do tecto: abóbada de berço.



Fig. 5 – Estrutura de sustentação do telhado e do tecto em caixotões – câmara-de-ar.

As estruturas que sustentam as pinturas foram montadas segundo um sistema modular anexo às estruturas do telhado e têm como descarga de forças as paredes adjacentes. (Fig. 5 e 7) Foram utilizadas peças independentes, de forma a ser possível desencaixar as pinturas apenas pela frente, ou seja, nunca pelo reverso do caixotão. Este esquema de montagem possibilita o desmonte pela frente, contudo todas as molduras têm que ser desmontadas para se conseguir retirar a pintura.

¹⁷ RODRIGUES, Rita – *As pinturas de tectos em caixotões – séculos XVII e XVIII, A nave do Antigo Convento do Salvador*. Dissertação de mestrado apresentada à Escola das Artes da Universidade Católica Portuguesa, Porto, 2010.

Molduras e respectivas pinturas



Fig. 6 – Fotografia de uma pintura a luz visível. Note-se que a pintura é constituída por duas tábuas.

As molduras são constituídas por vários elementos que, interligados, formam todo o conjunto da moldura. Deste modo, a pintura é a primeira a ser encaixada, sendo aplicados pregos de ferro que, atravessando a pintura, terminam nas traves que se encontram pelo reverso. (Esq. 1) Os pregos em ferro, de execução manual apresentam uma cabeça achatada com cerca de 4mm de diâmetro e 10cm de comprimento. Na superfície das pinturas é possível observar pontualmente pequenas elevações, que correspondem às cabeças de pregos achatadas. Algumas destas foram repintadas, enquanto outras zonas deverão ter sido originalmente tonalizadas.

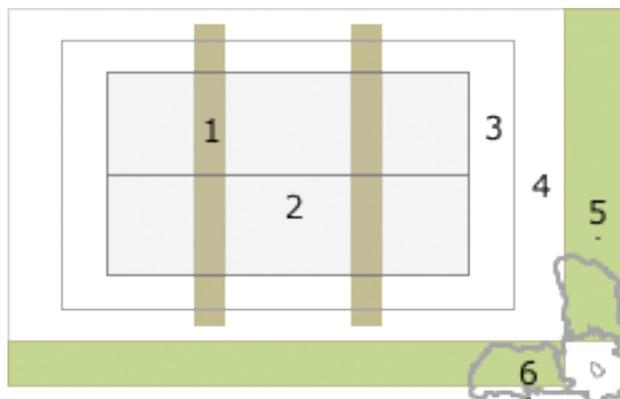
A ornamentação das molduras é de face e estilo simples, conforme os vários registos que a compõem, sendo decoradas por motivos vegetalistas, de cores branca, amarela e azul. Nas zonas de união dos vários caixotões, as tábuas lisas estão pintadas de cor verde. Contudo, estas não são já as decorações originais, existindo repintes totais em alguns registos das molduras que ocultam uma pintura de marmoreado¹⁸. (Fig.10) Podem ter sido efectuadas

¹⁸ Algumas molduras de tectos em caixotões apresentam decorações com marmoreados, como é o caso da Igreja de Campanhã no Porto.

As pinturas do tecto em caixotões do coro-alto da antiga igreja de S. Salvador de Ramalde: investigar para intervir

Rita Rodrigues | José Ferrão Afonso

para ocultar destacamentos, coincidindo com a alteração dos padrões estéticos do final do século XVIII, de acordo com as mudanças de estilo ocorridas do Barroco para o Neoclássico.



Esq. 1 – Esquema da ordem do encaixe das várias estruturas que formam um caixotão. 1) estruturas em madeira no reverso; 2) pintura; 3) moldura com ornamentação vegetalista; 4) moldura branca; 5) registo de cor verde que interliga os vários caixotões; 6) florão.

Tecnicamente, as pinturas são compostas por duas tábuas de madeira com cerca de dois centímetros de espessura, com medidas de largura variáveis, unidas entre si, pelo sistema macho-fêmea. (Fig.6) Cada pintura mede cerca de 130x83cm (alt. x larg.). No reverso, resultantes de uma intervenção posterior, foram colocados várias caudas de andorinha. Estes, reforços estruturais, de 14x5cm, foram feitos, em madeira, para travar a abertura das juntas das tábuas.

As pinturas revelam camadas pictóricas simples, sendo a sobreposição de tons reduzida, deixando o suporte, por vezes, a descoberto. Nessas zonas, nota-se o crescimento do lenho através dos seus veios e anéis de crescimento. Verificou-se ainda a presença de alguns nós e defeitos nas tábuas de madeira que não foram devidamente tratados e aplainados¹⁹. Através destas zonas, foi possível observar, a olho nu, a existência de desenho subjacente. O artista terá utilizado um esboço preparatório para referência da composição.

Para uma melhor compreensão de alguns pormenores do desenho, realizou-se uma fotografia de reflectografia de infravermelhos numa das pinturas, que possibilitou a confirmação das alterações da composição inicial, que terá sido feita a grafite. A mão da figura feminina está desenhada ligeiramente acima da que foi pintada. (Fig. 7)

Todas as pinturas e algumas das régua constituintes das molduras revelam a existência de uma camada de protecção de resina de origem natural, aplicada a trincha. Os processos de alteração físicos e químicos desta camada provocaram o seu escurecimento e amarelamento, dificultando a leitura, tanto da composição, como da paleta cromática.

¹⁹ O facto do suporte não ter sido devidamente tratado e aplainado por mestres especializados deve-se possivelmente à carência de recursos financeiros para a execução deste tecto, embora também possa ser justificado pelo seu específico formato e dimensão.

As pinturas do tecto em caixotões do coro-alto da antiga igreja de S. Salvador de Ramalde: investigar para intervir

Rita Rodrigues | José Ferrão Afonso

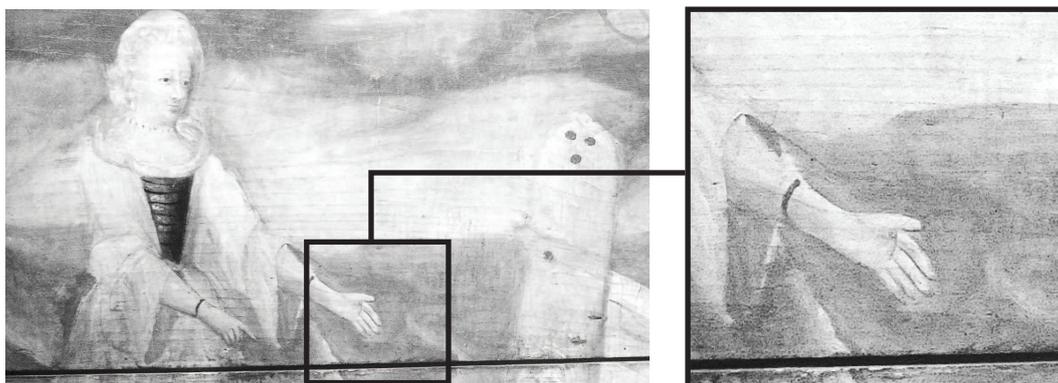


Fig. 7 – Pormenor a fotografia infravermelho que evidencia a presença de desenho subjacente. (Foto: Luís Ribeiro)



Fig. 7 – Aspecto da instabilidade das estruturas laterais que suportam os caixotões. Os barrotes de madeira com assentamento na parede lateral, já não cumpriam a função de sustentação por se encontrarem degradados.

Diagnóstico do estado de conservação

Em geral, o estado de conservação do tecto podia ser considerado instável devido a factores como: falta de manutenção, a condição física das quarenta e cinco pinturas, as várias intervenções inadequadas, o envelhecimento natural dos materiais ao longo do tempo e ainda alguns defeitos de execução técnica.

A falta de manutenção consistiu num dos principais factores que acelerou a degradação, pelo facto do tecto ter estado apenas protegido pelo telhado. A falta de manutenção das telhas conjugada com eventuais falhas de telhas por ruptura das mesmas, era o suficiente para a entrada de pássaros, de águas pluviais, de detritos, de poluição²⁰, entre outros agentes que causaram danos irreversíveis nas pinturas. Só há cerca de dezoito anos é que foi colocado um forro feito com tábuas de madeira justapostas²¹. A falta de manutenção foi constante durante algumas dezenas de anos traduzindo-se em vários aspectos, tais como: a entrada constante de

²⁰ A Igreja fica situada junto a uma zona industrial.

²¹ Informação obtida junto do Pároco Almiro Mendes.

**As pinturas do tecto em caixotões do
coro-alto da antiga igreja de S. Salvador de Ramalde: investigar para intervir**

Rita Rodrigues | José Ferrão Afonso

águas pluviais pelo telhado, infiltração deposicional nas paredes, humidades de condensação, salinização das alvenarias, ciclos de molhagem/secagem das madeiras com a consequente expansão e contracção do material de suporte das pinturas, entrada de sujidades e detritos de diversos tipos, agravados pela falta de limpeza periódica do espaço entre o reverso dos caixotões e o telhado, manutenção constante pelo reverso de valores de humidade relativa e temperatura acima do recomendável, deficiências do isolamento das paredes, a ausência de drenagem das águas, e desinfestações cíclicas quer curativas quer preventivas.



Fig. 8 – Fotografia a luz ultravioleta de uma das pinturas. Verifica-se a presença de repintes principalmente na zona das juntas.



Fig. 9 – Fotografia a luz ultravioleta de um pormenor da pintura "Fuga para o Egipto" onde se registaram inúmeros repintes efectuados com um pincel grosso. Os testes de limpeza são também resultado de uma intervenção anterior.

Além do problema da falta de manutenção, verificou-se que as condições físicas a que estão sujeitas as pinturas neste tipo de tectos causa problemas distintos dos que ocorrem nas pinturas de cavalete colocadas na vertical. É, sobretudo, devido à posição invertida e semi-inclinada em que as pinturas se encontram, juntamente com o facto de se tratar de um conjunto de elementos orgânicos, e por si, higroscópicos, que se registam graves patologias, por vezes irreversíveis, tais como: cedência e disjunção de prumos, empenamento, fendas e fissuras dos suportes, abertura de juntas, desintegração de estruturas, ataque de insectos xilófagos, migração de substâncias e escurrimentos de águas pluviais para a zona frontal das pinturas, entre outros. (Fig. 7) Observaram-se manchas na superfície das pinturas, que se supõem que tenham sido resultado da migração dos taninos e substâncias ácidas²² para a superfície da camada cromática.

Apesar deste tecto ter uma câmara-de-ar com uma altura que permite alguma ventilação, a acumulação de poeiras, sujidades e a propagação de ninhos de pássaros foi constante durante vários anos. (Fig. 5)

Constatamos ainda, anteriores intervenções inadequadas que resultaram na alteração das características originais do tecto. O total repinte a cor branca existente no registo exterior

²² A migração dos taninos para a superfície é um processo que ainda se encontra na fase de investigação.

das molduras é um exemplo, tal como a presença de inúmeros repintes sobre as pinturas, confirmados por fotografias a luz ultravioleta. Este exame foi fundamental para perceber a localização exacta de repintes e de algumas características da camada protectora. A pintura “*Fuga para o Egipto*” apresentava alguns testes de limpeza, resultantes de uma intervenção anterior, já realizada há alguns anos²³. (Fig. 9)

O envelhecimento dos materiais consiste num factor que ocorre naturalmente, por acção de oxidação e foto degradação, embora possa por vezes ser travado ou diminuído, mediante a adopção de parâmetros de conservação adequados. Em alguns casos, a alteração dos materiais decorre sobretudo segundo reacções químicas e físicas, como é o caso da camada protectora. Segundo o exame efectuado a luz ultravioleta, observámos que a camada protectora apresentava uma fluorescência esverdeada específica dos vernizes de origem natural. (Fig. 8)

Intervenção de conservação e restauro

De acordo com as patologias existentes delineou-se um cronograma de etapas de intervenção que consistiu nas várias fases: registo, limpeza, fixação, desinfestação, reforço do suporte (estabilização física do suporte e consolidação), reforço das estruturas, tratamento dos elementos metálicos, reintegração da preparação, reintegração cromática e camada de protecção.

A observação *in loco*, o apoio dos exames e análises, e a investigação em fontes documentais tornaram-se métodos imprescindíveis para a continuação das várias etapas da intervenção.

O registo consiste numa etapa fundamental para documentar não só o estado de conservação, mas também as características técnicas e materiais das obras. O registo acompanhou todo o desenrolar dos tratamentos, sendo feito antes, durante e após a finalização da intervenção. Durante o processo de limpeza química, recorreu-se a métodos de registo, exame e análise principalmente em duas situações:

²³ *Idem.*



Fig. 10 – Zona de levantamento dos repintes onde se podem observar as camadas originais. Assim, debaixo da camada branca e azul encontra-se uma decoração marmoreada, e da camada verde, a decoração à base de elementos vegetalistas.

- A camada protectora encontrava-se bastante alterada. Por se tratar de uma resina natural, a exposição à fotoxidção tem reflexos visíveis pois acelera o amarelecimento e perde transparência. Com o tempo a resina polimerizou, ou seja, reorganizou-se ao nível molecular, perdendo os plastificantes e formando ligações cruzadas, o que teve como consequência a sua transformação numa camada mais rígida e menos reversível.

Os vernizes orgânicos vão perdendo, por um lado, a solubilidade, com o aumento da polimerização e também da polaridade devido à oxidação que vai ocorrendo ao longo dos anos. Por outro lado, aumentam a sua rigidez, não só pela reacção da polimerização, como também pela perda de plastificantes. A oxidação consiste numa reacção que é sempre acompanhada de uma reacção de redução - redox. O agente oxidante, o oxigénio, entra em contacto com a camada protectora da pintura provocando o amarelecimento (formação de grupos cromóforos), o aumento da polaridade e a possibilidade de reacções de hidrólise. Já a polimerização acontece pela formação de ligações cruzadas, o que se traduz numa diminuição da solubilidade do polímero formado. Isto é, a polimerização acontece pela ligação de monómeros. Deste modo, o constante recurso à luz ultravioleta foi fundamental para o tratamento, pois permitiu o controlo homogéneo da limpeza química. (Fig. 9) Segundo o exame de luz ultravioleta foi possível delinear áreas de repintes e comparar níveis de limpezas entre as pinturas.

- Através de um dos exames de luz rasante, comprovámos a existência de um repinte total nas molduras, que possivelmente terá resultado de uma mera mudança de gosto. Ainda nesta fase de limpeza, e após ponderadas reuniões de equipa e da execução de testes de solubilidade, optámos por deixar um testemunho do original, de cerca de 60cm por 45cm numa das molduras que interliga dois caixotões. (Fig. 10) Este trabalho de levantamento do repinte tornou-se moroso uma vez que foi necessária a sua remoção minuciosa, por via mecânica (bisturi). Nesse repinte, e por baixo das camadas azul e branca, confirmámos a presença de uma pintura de marmoreado em tons avermelhados. Na zona pintada a verde encontrou-se uma decoração igual às molduras interiores.

Realçamos, também, a etapa de reforço do suporte das pinturas antecedida por uma inspecção atenta às estruturas, em que verificamos a necessidade de reformular o tratamento. Esta etapa consistiu na devolução da integridade física às pinturas, que foram muito atacadas pelos insectos xilófagos, e também, pelas condições físicas e climáticas inadequadas a que o conjunto pictórico esteve sujeito. Apesar de inicialmente se ter previsto realizar o tratamento apenas pela zona do telhado, após algumas inspecções detectaram-se problemas estruturais nas vigas de sustentação. Optámos por proceder ao desmonte de duas estruturas²⁴ de caixotões por forma a corrigir os sistemas de assentamento e a distribuição das forças de descarga estrutural do tecto. Adicionalmente efectuaram-se consolidações por injeção, com vista a reforçar a estrutura lenhosa.

Intervenções anteriores resultantes de momentos distintos como os repintes e as caudas de andorinha, causaram-nos dúvidas relativas ao seu historial. Seguindo os critérios de intervenção mínima e dado os condicionantes da obra, entre eles os prazos a cumprir e a de falta de recursos financeiros, optámos por manter o original. Durante este tratamento, também se verificou que as sancas teriam sido substituídas numa intervenção anterior, facto comprovado, não só pela falta de coincidência do entalhe, como também, pelo tipo de madeira, diferente do resto das sancas. Nesta intervenção anterior, e possivelmente, por falta razões económicas foram utilizados restos de excertos de madeira para suportar algumas estruturas das sancas. Estes excertos de madeira tiveram em tempos outra função, pois apresentavam a estrutura macho-fêmea semelhante aos que se usavam em gavetas.

A intervenção realizada nas pinturas obedeceu aos princípios éticos da profissão, de acordo com a E.C.C.O. (European Confederation of Conservator-Restorers Organisations). A conservação das pinturas do coro-alto baseou-se nos princípios de intervenção mínima, utilizando apenas, materiais reversíveis, compatíveis e inócuos.

Conclusão

²⁴ O reforço das estruturas ficou a cargo da equipa do Sr. António Costa em parceria com a empresa *LCMM* – Carpintaria e Marcenaria, Lda.. Foram aplicadas madeiras novas em castanho devidamente preparadas e reforçados pontos de assentamento nas paredes com aço galvanizado.

As pinturas do tecto em caixotões do coro-alto da antiga igreja de S. Salvador de Ramalde: investigar para intervir

Rita Rodrigues | José Ferrão Afonso

As pinturas do coro-alto revelaram marcas de determinadas épocas da história da Igreja de Ramalde assinaladas pela falta de recursos financeiros, e mais tarde, por mudanças de valores estéticos, e, também, pelas várias intervenções anteriores. Apesar da simplicidade pictórica das pinturas, verificou-se a utilização de desenho subjacente como técnica de auxílio à execução da composição das pinturas.

O levantamento e a investigação de documentação histórica, o conhecimento das técnicas e dos materiais utilizados, e o correcto diagnóstico do estado de conservação das obras de arte, no caso específico, das pinturas do coro-alto do tecto em caixotões da Igreja de S. Salvador de Ramalde, consistiram em procedimentos indispensáveis para a sua adequada conservação. A realização de um tratamento de conservação e restauro implica o domínio das várias áreas científicas, tendo como base a essência da obra de arte e o respeito pelos seus valores intrínsecos, sejam eles, de ordem estética, histórica ou económica.

Agradecimentos

Agradece-se a ajuda prestada no decorrer dos trabalhos de conservação e restauro e de investigação: aos alunos participantes, ao Padre Almiro, à Prof. Doutora Ana Calvo, à Doutora Eduarda Vieira, à Dr.^a Carolina Barata, ao Prof. Doutor Vítor Teixeira, à Doutora Jorgelina Martinez, à Dr.^a Maria Aguiar, à Dr.^a Sandra Saraiva e ao Dr. Luís Ribeiro. Agradece-se igualmente à empresa Porto Restauro, Conservação e Restauro de Obras de Arte, Lda. o empréstimo do equipamento portátil de luz ultravioleta.

Currículo dos autores

Rita Rodrigues - Licenciada em Arte e Restauro, intensificação curricular em Pintura pela Universidade Católica Portuguesa. Mestre em Técnicas de Conservação e Pintura pela Universidade Católica Portuguesa. Conservadora-Restauradora de Pintura de 2007 a 2010, colaborou com Porto Restauro - Conservação e Restauro de Obras de Arte Lda. Doutoranda em Conservação de Bens Culturais na Universidade Católica Portuguesa, bolseira da FCT – Fundação para a Ciência e Tecnologia (co-financiamento do FSE e Programa Operacional Potencial Humano/POPH e da União Europeia) de referência SFRH / BD / 69792 / 2010 sob a orientação de Prof. Doutora Ana Calvo e co-orientação do Prof. Doutor Ferrão Afonso.

Contacto: RITACRODRIGUES@GMAIL.COM

José Ferrão Afonso - Licenciado em História, variante da Arte, pela Faculdade de Letras da Universidade do Porto.

Mestre em História, variante da Arte, pela Faculdade de Letras da Universidade do Porto (bolseiro da JNICT)

**As pinturas do tecto em caixotões do
coro-alto da antiga igreja de S. Salvador de Ramalde: investigar para intervir**

Rita Rodrigues | José Ferrão Afonso

Doutorado em Teoria e História da Arquitectura pela Escola Técnica Superior de Arquitectura de Barcelona, da Universidade Politécnica da Catalunha (Bolsheiro da FCT), Prof. auxiliar da Escola das artes da Escola das Artes da UCP/CRP, investigador do CITAR/ARTES da UCP/CRP, bolsheiro de pós-doutoramento da FCT. Este artigo insere-se no âmbito do projecto "o Norte no Sul", a decorrer no CITAR/ARTES e do pós-doutoramento do autor. Completou, tendo como instituição de acolhimento a Faculdade de Arquitectura da Universidade do Porto, o primeiro ano de um pós-doutoramento cujo tema é a arquitectura do Norte de Portugal no século XVI (c. 1520.-c.1640).

Contacto: JAFONSO@PORTO.UCP.PT